

O humor na charge jornalística

Humour in the newspaper “charge”

Maria Inês GHILARDI

Doutora em Letras na área de
Semiótica e Linguística Geral pela USP e
professora no Instituto de Letras e
Instituto de Artes, Comunicações e
Turismo / Puccamp.

RESUMO

Este artigo objetiva estudar a charge jornalística enquanto discurso humorístico veiculado pelo jornal. Além de transmitir informações, de forma rápida e sucinta, com criatividade e uma imprescindível dose de humor, a charge revela uma leitura crítica do mundo atual e se adequa aos leitores de hoje que, cada vez mais, passam a ler a imagem associada à palavra. Investiga, portanto, o que produz o riso nesse tipo de discurso e quais os recursos utilizados na associação de dois tipos de códigos: o lingüístico e o visual.

Palavras-chave: Discurso. Charge. Humor.

ABSTRACT

In this article, the newspaper “charge” is analysed as a humoristic discourse in the press. The newspaper cartoons besides transmitting information, in a quick and short way, with creativity and necessary humour content, reveals a critical interpretation of the present world. It also fits today's readers, who more and more read the image associated to the produces laughter in this kind of discourse and the utilized resources in the association of two types of codes: the linguistic and the visual.

Key words: Discourse. “Charge”. Humour.

O humor na charge ...

Hoje, a comunicação não se faz com total predomínio do sistema verbal, pois, cada vez mais, o homem assiste ao crescimento dos sistemas não-verbais de produção de significação, muitas vezes operando em paralelo - verbal e não-verbal -, constituindo um sistema complexo¹, com uma estrutura própria, merecedora de consideração por quem se interessa pelo trabalho de análise do discurso e de produção e recepção textuais. Faz-se necessário entender como se processa a informação no discurso verbal e no não-verbal, visto que “uma imagem pode conter informação que não cabe em mil palavras” e “uma palavra pode resumir o conhecimento de mil imagens”².

Assim, objetivamos investigar a **charge jornalística** enquanto discurso humorístico veiculado pelo jornal, o qual tem como característica básica a transmissão de informações. Se comparada ao texto jornalístico, a charge não possui a mesma precisão e detalhamento, contudo pode causar impacto comparável ao de um bom texto crítico. E, ainda, contém as emoções que envolvem os fatos, enquanto as reportagens tratam apenas de comunicá-los. O humor permite o desvelamento de uma visão de mundo muitas vezes oculta pelas notícias jornalísticas e pode constituir-se em uma espécie de arma de denúncia da sociedade.

Assim, além de transmitir informações, de forma rápida e sucinta, com criatividade e uma imprescindível dose de humor, a charge revela uma leitura crítica do mundo atual e se adequa aos leitores de hoje que, cada vez mais, passam a ler a imagem associada à palavra.

O que produz o riso, na charge jornalística, não são (somente) os recursos lingüísticos como pressuposições, inferências, estratégias conversacionais etc, utilizados na construção dos chistes. Tais recursos, quando utilizados na charge, estão associados à imagem visual, ao desenho caricaturesco que predomina no quadro, do qual também “lemos” as idéias implícitas. Assim como a palavra, um simples traço, uma linha reta ou curva, um ponto no espaço, a luminosidade e as formas do desenho significam.

Ao ressaltar os detalhes das figuras representadas no quadro, o chargista contrapõe o desenho a uma foto. São utilizados símbolos e caricaturas. Estas representam o exagero das características da face e/ou do corpo de uma pessoa, de maneira que a tornem reconhecível - talvez mais facilmente do que na foto onde as características distintivas não são exageradas - para a maioria dos leitores.

Para compreender a charge é necessário o conhecimento do assunto tratado, das pessoas nela representadas e do contexto, pois ela leva em conta o fato noticiado ao qual se vincula. Assim, é imprescindível que o desenho tenha

(1) C.T. PAIS, *Elementos para uma teoria dos sistemas semióticos*, p. 45-60.

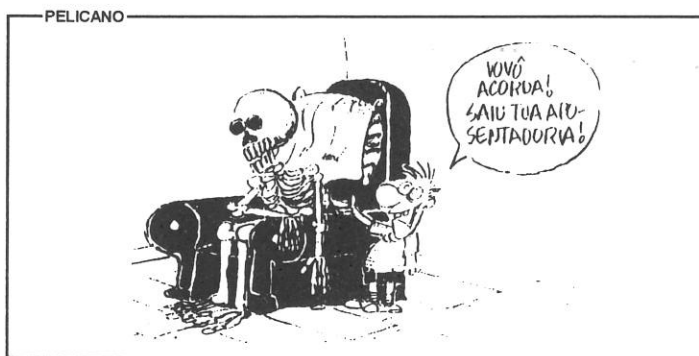
(2) N. LAGE, *Estrutura da notícia*, p.7.

suficiência de dados, fornecidos pelos detalhes. A caracterização do ambiente, dos personagens, e as marcas simbolizando o tema são suportes necessários à interpretação adequada. São esses os dados explícitos que vão possibilitar a leitura dos implícitos.

“Com poucos traços, o chargista deve dar conta dos dados fundamentais fornecidos pela matéria jornalística, da crítica aos fatos e do humor gerado pela crítica, ainda que este seja apenas o reflexo do pensamento que o leitor gostaria de exprimir. Fazer charge, portanto, é associar a síntese dos acontecimentos da sociedade, a agudez da crítica feita aos episódios noticiados e o humor brotado pela maneira como os fatos são tratados à precisão e segurança do traço”.³

Vejam as seguintes charges publicadas em jornais paulistas: *Correio Popular*, de Campinas, em 15/2/95, e *Folha de S. Paulo*, em 15/3/96:

As duas charges tratam do projeto de reforma da Previdência Social do



Correio Popular, 15 de fevereiro de 1995, p.6.



Folha de S. Paulo, 15 de março de 1996, p.4.

(3) M.I. GHILARDI, *A charge jornalística e a leitura do não-verbal*, p. 19-25.

O humor na charge ...

Brasil, que gerou controvérsia e tem provocado, há anos, muitas divergências entre o governo federal, a população, os sindicatos, os partidos políticos e seus membros. Os tópicos mais polêmicos referem-se a: tempo de serviço para a aposentadoria, tempo de contribuição, idade para se aposentar, teto salarial, aposentadorias especiais e acumulação de aposentadorias.

A primeira charge retrata a tristeza e a falta de perspectiva do trabalhador comum, pois sua renda não lhe permite ter algum conforto; ele consegue apenas adquirir o mínimo necessário para manter a vida. E, às vezes, nem isso é possível. O desenho mostra uma caveira sentada numa poltrona simples, recostada em um travesseiro, com um dos braços caído e o outro dobrado em posição de descanso e expectativa. O local é um canto de sala ou quarto que, pelo tipo de chão ladrilhado, denota simplicidade. Um garoto chama o avô, cutucando-o ao dizer: "*Vovô acorda! Saiu tua aposentadoria!*" Numa época de discussão sobre a queda da aposentadoria por tempo de serviço, o sentido explorado no quadro é o de que o trabalhador mais pobre pode "esperar sentado", ou seja, sua dispensa do serviço chegará tarde demais, quando ele já estiver morto - vai "morrer de esperar" -, sem oportunidade para usufruir do benefício, embora tão insignificante.

A outra charge mostra três homens representando diferentes tipos de pessoas e níveis de benefícios. O primeiro, aparentemente mais velho, muito magro, meio corcunda, careca, com poucos dentes, olhos esbugalhados, tem a fisionomia triste, desolada e desiludida. Está trajando uma roupa simples, calça remendada e camisa, portando em uma das mãos uma bengala e com a outra indica um gesto de dor nas costas ou simplesmente dificuldade para andar. Representa a situação de miséria e pobreza da maioria dos trabalhadores do país, enfim, é a imagem do "pobre coitado" que, ao se aposentar, aparenta ser mais velho do que provavelmente é, devido à sua condição sócio-econômica.

O segundo, mais gordo, ereto, de aspecto saudável, sorrindo, vestindo bermuda clara e camisa de bolas grandes, do tipo "férias de verão no Havaí", segura um copo de bebida em uma das mãos e, com a outra, acende um cigarro já colocado na boca. Com expressão fisionômica alegre, descontraída, simboliza o aposentado que está aproveitando a vida, gozando dos prazeres que ela proporciona aos ricos. É o típico parlamentar brasileiro que pode se aposentar com pouquíssimo tempo de serviço e renda alta.

Já o terceiro indivíduo, mais gordo que o anterior, com bigode bem aparado, sorri tranquilamente, fumando charuto - o que denota classe social mais elevada -, vestido com calça listrada, camisa, gravata borboleta, paletó escuro e cartola. Está sentado confortavelmente num grande saco de dinheiro, ou, como popularmente diríamos, "montado no dinheiro", não se importando com as moe-

das espalhadas pelo chão e algumas notas que voam ao seu redor. Há, até, algumas no bolso do seu paletó. Representa um banqueiro que, segundo a opinião de algumas pessoas, enriquece sem ter que saldar suas dívidas, protegido pelo governo federal.

O primeiro homem diz: “*Eu me aposentei pelo INSS!*”, ou seja, pelo Instituto Nacional de Seguridade Social, órgão do governo pelo qual a maioria dos trabalhadores brasileiros se aposenta com renda suficiente apenas para adquirir o básico para sua subsistência. O segundo fala: “*Eu pelo IPC*”, Instituto de Previdência dos Congressistas, que proporciona a eles uma aposentadoria espe-

“

As pessoas riem da própria desgraça?

”

cial e vantajosa em relação aos demais segurados e que lhes permite continuar com o alto salário de parlamentares, além de ser a única que exige o mínimo de oito anos, apenas, para se aposentar. Finalmente, o terceiro homem desfruta da “especialíssima” vantagem de proteção ao sistema bancário do país. Ele complementa a fala dos outros dizendo: “*E eu pelo PROER*”, o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional, causador de tanta polêmica em relação às atitudes governamentais, por adotar uma política que, de

acordo com os comentários de quem é contra o governo, beneficia os banqueiros.

A palavra “*PREVIDENTES...*”, na parte superior do quadro, aponta as contradições do projeto da Previdência Social e sugere, ainda, a pergunta: quem, na realidade, é previdente? Qual dos indivíduos é - ou foi - prudente, acautelado, no sentido que o adjetivo permite ler? Na comparação entre eles está a crítica a uma questão bastante conhecida dos trabalhadores e do povo em geral: a injustiça social.

A crítica - com grande dose de humor - não está explicitada em palavras, apenas sugerida pelo desenho. Enfim, por que o leitor acha graça? Provavelmente, porque o tipo de discurso é (aparentemente) lúdico e porque o chargista consegue mostrar de outra forma aquilo que ele (leitor) não consegue ou não tem oportunidade de fazê-lo. E, também, porque os parlamentares e os banqueiros estão sendo ridicularizados - apesar de contraditoriamente privilegiados - diante de toda a população, como reação habitual de quem é contra algo. Implicitamente há, ainda, uma crítica ao próprio governo brasileiro, lugar-comum desencadeador de piadas e risos. O humor surge do confronto entre as condições sócio-econômicas e o estilo de vida desses homens, da identificação com o leitor e do exagero do traço caricaturesco. Ou as pessoas riem da própria desgraça?...

É claro que há textos escritos opinativos e críticos, com idéias explícitas e implícitas, entretanto sem a concisão, a sutileza, a rapidez e o **humor** da charge

O humor na charge ...

que tem, ainda, grande liberdade para mostrar a interpretação dos fatos, devido ao tipo de discurso - lúdico -, e por utilizar recursos lingüísticos e semióticos. Ela comporta o paradoxo da leveza e da profundidade, ou seja, ao mesmo tempo em que é um texto de lazer e entretenimento, toca no cerne de questões de ordem política, econômica e social entre outras. Vemos, assim, que o humor é gerado não só pela palavra, ou pelo desenho, porém muito mais pela associação dessas duas formas de expressão.

Portanto, além da crítica a um fato ou comportamento social, é intenção do chargista prococar o riso, motivo pelo qual ela tão bem se encaixa no âmbito do discurso humorístico e, como tal, merece ser examinada por esse prisma. De acordo com Travaglia⁴, “o humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir.” Sobretudo no caso da charge, o humor “é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios”.

Como as idéias contidas nesse tipo de ilustração só fazem sentido se vinculadas ao noticiário, o chargista precisa acompanhar os acontecimentos tão de perto quanto o editorialista, o comentarista ou o articulista. Precisa, também, ter olhos críticos e perceber quais os interesses da população, o que cada leitor gostaria de dizer e não tem espaço para fazê-lo. É condição básica para a interpretação da charge o conhecimento partilhado de mundo, o que faz com que Pereira⁵ afirme que “é preciso haver uma adequação entre humorista e consumidor do humor”, ou, neste caso, entre o chargista e o leitor da charge.

Definida por Chico Caruso como um tipo de arte engajada, participante, a charge ganhou mais espaço nos jornais brasileiros após o final do governo militar. Segundo Caruso⁶, “fazer charge é espremer em imagens o suco da vida política nacional.” Não somente os temas políticos podem motivá-la, contudo, as principais manchetes de nossos jornais dedicam mais espaço a esse tipo de assunto, ocasionando a grande dedicação dos artistas à charge política, assim como o interesse do leitor.

Enfim, ao caracterizá-la como discurso humorístico, torna-se relevante arrolar algumas “armas” componentes do humor, conforme lembra Travaglia⁷ ao citar autores que estudaram o assunto. São, entre outras, a surpresa, a criatividade,

(4) L.C. TRAVAGLIA, *Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística*, p.55.

(5) apud TRAVAGLIA, op.cit.

(6) apud A. RAPOSO, *Chico Caruso*, p.4.

(7) TRAVAGLIA, op.cit., p.77.

“o exagero, o cinismo, a sátira, a irreverência e a balbúrdia. Estas duas últimas indispensáveis se o humor quer enfrentar, romper, revolver estruturas”.

O estudo da charge aponta um dos caminhos para observarmos a forma como a realidade é interpretada pela sociedade e pode, assim, propiciar um retrato, mesmo que não completo e detalhado, da época e do mundo atual. Pode, ainda, incentivar a investigação no âmbito do discurso jornalístico ou do humorístico. O humor atinge o leitor com rapidez e agudeza, podendo revelar a crítica inteligente dos “mais sérios” episódios de nosso dia-a-dia.

A charge é, então, o discurso humorístico que valoriza a ilustração, a caricatura e coloca em dúvida questões de ideologia, poder, sentimentos, personalidade, enquanto ri da própria dúvida. É, outrossim, uma proposta de reflexão e contém, inerente a si, todo um complexo ideológico, não só de seu autor ou do veículo que a publica, mas também da sociedade na qual se insere. Para entendê-la, o leitor deve procurar enxergar por trás de um simples traço, uma denúncia; de uma gargalhada, um problema; do humor, uma séria crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GHILARDI, M.I. A charge jornalística e a leitura do não-verbal. **Perspectiva**. Erechim, RS: URI, ano 19, nº 67, setembro de 1995.
2. LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1987, 2ª ed.
_____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1990, 3ª ed.
3. ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987, 2ª ed. rev. e aum.
4. PAIS, C.T. Elementos para uma teoria dos sistemas semióticos. **Revista Brasileira de Lingüística**. nº 1, ano 5, 1982, v.6.
5. POSSENTI, S. De que é que você está rindo? Ou um riso quase adverbial. **Estudos lingüísticos XVIII. Anais de seminários do GEL**. São Paulo: 1989.
6. _____. Os humores da palavra. **Estudos lingüísticos XXIII. Anais de seminários do GEL**. São Paulo: 1994, v.2.
7. RAPOSO, A. Chico Caruso. **Revista de Comunicação**, ano 10, nº 35, março de 1994.
8. TRAVAGLIA, L.C. **Uma introdução ao estudo do humor pela Lingüística**. D.E.L.T.A., nº 1, 1990, v.6.
9. VAL, M. da G.C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.